

169. CRÓNICA 169 HAJA DECÊNCIA NA MORTE, janº 8, 2017



Declaração pública de interesse:

Desmistifiquemos tudo: apesar de hoje em dia não ser já relevante tenho de me definir, como sendo de "esquerda" querendo com isso significar simpatizar com a noção de uma social-democracia à sueca do tempo do malogrado Olof Palme.

Tendo amigos de todas as cores do quadrante político, constato, porém, que se radicalizam, cada vez mais, e viram para uma direita xenófoba (que eu - multicultural - não posso aceitar), e sinto que estão eivados de sede de vingança e ressabiamentos que vieram à tona ontem na morte desse estadista que foi Mário Soares, propalando mentiras como a dos diamantes, tubarões e outras, que, de tanto repetidas a ignorantes e incultos, acabam por passar como sendo verdade. Lembro-me das armas químicas do Saddam...

A família e os amigos, normalmente, cabem dentro numa classe em que nem a política nem o futebol impedem de continuarem a ser quem são, nem reduzem a sua relevância para a minha vida, mas....

Sou profundamente contra todos os ismos, sejam eles fascismos, nazismos, islamismos e outros extremismos. Sou antifascista e anticomunista apesar de alguns dos meus amigos. Talvez não seja um anticomunista primário por respeitar que outros possam ser o que quiserem. Há, porém, uma linha que me separa de outros, a minha enorme tolerância, compreensão e respeito pelo OUTRO. No tocante à descolonização não a discuto pois, normalmente, os interlocutores estão a discutir a vida deles e não a política em si. Também eu poderia usar os mesmos argumentos quando fui impedido de regressar a Timor, minha primeira pátria de escolha... fiz essa catarse e outras. Não me regozijo com a morte de ninguém, amigo ou inimigo, merecida ou imerecida... ela é sempre uma espada de Dâmocles sobre as nossas cabeças. Atribuir singelamente as culpas da descolonização a uma pessoa parece-me redutor e errado... basta pensar que Angola e Moçambique eram meros peões na política de dominó da ex-URSS e EUA, tal como Henry Kissinger preconizava. Basta pensar que sem tropa não se faz a guerra e a tropa baixou as armas. Basta pensar nos verdadeiros culpados Salazar e Marcello Caetano que não quiseram, nem souberam antever os ventos da mudança. Um, nem sequer deixava emigrar e colonizar as "colónias", o outro fez marcha-à-ré na chamada primavera política e manteve a sociedade portuguesa amordaçada na cinzenta derrocada do regime.... E em 1974 era já demasiado tarde para qualquer outra solução. Não quero com isto absolver ou culpar seja quem for, muito menos atribuir a culpa a uma ou outra personagem da história.

Termino este desabafo para saudar o grande estadista Melo Antunes, que evitou que Portugal fosse dominado pela máquina bem oleada do PCP, e nos devolveu em novembro 1975 a liberdade recém-conquistada em 1974, essa mesma que prezo e que louvo por me deixar hoje falar sem medos nem retaliações. Essa liberdade de expressão que permite, a todos os que pensam de forma contrária à minha, se manifestem com os seus ódios e insultos. Por aí não vou e agradeço a quem me deu essa liberdade que hoje tanto prezo e pela qual lutei nos jovens anos, antes de ser obrigado a ir "defender as colónias" de arma em riste, feito máquina de guerra, eu, que nunca andei à pancada com ninguém em 67 anos de vida... Sem o 25 de abril não haveria essa liberdade e os melhores da minha geração teriam continuado a verter o sangue em África. Sem o 25 novembro 1975, o país dividir-se-ia ao meio numa guerra civil fratricida como a de Espanha, décadas antes, com o Norte e os Açores a recusarem a ditadura do proletariado. Por isso, haja a decência que se deve a todos os que morrem ou estaremos a caminho de ter um Trump em cada esquina.

